

DESCRIÇÃO DO MERCADO BRASILEIRO DE CARNE BOVINA NO PERÍODO DE 2008 A 2017

DESCRIPTION OF THE BRAZILIAN BEEF MARKET FROM 2008 TO 2017

Ivan Carlos Vargas Stein

Graduado em Ciências Econômicas
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Palmeiras das Missões-RS, Brasil
ivantstein@hotmail.com

Leandro Gabriel Flamino

Graduado em Ciências Econômicas
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Palmeiras das Missões-RS, Brasil
flamino.leo@gmail.com

Luciane DittgenMiritz

Doutora em Administração
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Palmeira das Missões-RS, Brasil
lucianedinizufsm@gmail.com

* **Recebido em: 12/11/2019**

* **Aceito em: 05/09/2019**

RESUMO

A produção nacional evoluiu a ponto de atender às exigências internacionais de países cuja importação se dá somente atendendo algumas barreiras comerciais. O presente estudo revela que a produção e exportação da carne bovina brasileira alcançaram em 2017, o posto de número um em relação aos produtores mundiais. Dessa forma, o Brasil exporta em cinco modalidades diferentes para 194 países no mundo, onde a carne bovina *in natura* é a principal modalidade de exportação cuja remuneração é a maior em valor monetário do que outras modalidades. O objetivo central é analisar e descrever o comércio internacional da carne bovina brasileira entre os anos de 2008-2017. O estudo foi desenvolvido através de método exploratório, documental e descritivo. Manipulou-se relatórios anuais da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne para gerar os resultados. Como resultados, tem-se que para cada cinco quilos de carne bovina produzidos e consumidos mundialmente, um quilo é de origem brasileira. Espera-se que com a ascensão brasileira no mercado internacional, se consolida como maior produtor e maior exportador mundial tornando-se, hoje, o maior *player* mundial do setor cuja a diversidade brasileira nas modalidades é um ponto positivo considerável para atingir números mais expressivos no cenário internacional.

Palavras-chaves: Carne Bovina; Mercado Internacional; Exportação Brasileira.

ABSTRACT

National production has evolved to the point of meeting the international requirements of countries whose importation only meets certain trade barriers. The present study reveals that the production and exportation of Brazilian beef, reached in 2017 the number one position in relation to world producers. Thus, Brazil exports in five different modalities to 194 countries

in the world, where fresh beef is the main mode of export whose remuneration is higher in monetary value than other modalities. The main objective is to analyze and describe the international trade of Brazilian beef between 2008-2017. The study was developed through exploratory, documentary and descriptive method. Annual reports from the Brazilian Association of Meat Exporting Industries, were handled to generate the results. As a result, for every five kilograms of beef produced and consumed worldwide, one kilogram is of Brazilian origin. With the Brazilian rise in the international market, it is expected to consolidate as the largest producer and largest exporter in the world, becoming today the largest player in the sector whose Brazilian diversity in the modalities is a considerable positive point to reach more significant numbers in international scenario.

Keywords: Bovine Meat; International Market; Brazilian Exports.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Brasil foi considerado a 7ª maior economia mundial e a 25ª nação em termos de exportação no ano de 2014. Tal colocação se dá pela participação nacional nas operações do agronegócio, uma das bases da economia responsável por 40% das exportações, por 23% do PIB além de gerar 30% de emprego. O Brasil se consolida como um dos maiores produtores e exportadores em diversos produtos como milho, soja, açúcar, etanol e carne bovina (KINJO et al., 2017).

O mercado internacional de carne bovina caracteriza-se pelo aumento da produção, acompanhado pela demanda global crescente de tradicionais importadores do produto, em que novos clientes globais se consolidam no mercado. No mercado de carne bovina, o Brasil é protagonista sendo um dos mais importantes *players* mundiais. A consolidação do Brasil como potência é amparada pela posição de maior produtor, onde o emprego de tecnologia em vários sistemas produtivos do setor possibilita maior produção (FLORINDO, MEDEIROS, MAUAD, 2015).

O Brasil sendo o maior produtor de carne bovina do mundo em 2017 desbancou Estados Unidos (EUA) da posição de liderança. Os EUA são o segundo maior abatedor além de serem os maiores consumidores de carne bovina e, por consequência, demandar muito do produto deixando uma lacuna no comércio exterior mundial que desperta o interesse do Brasil (KINJO et al., 2017).

A realidade brasileira sinaliza capacidade de produzir com excedente para exportação em um momento de expressivo crescimento no comércio internacional do agronegócio brasileiro, confirmando sua importante posição mundial como um dos maiores produtores e exportadores de alimentos, atingindo exportação para mais de 200 países. Tem-se a expectativa de que com a produção nacional de carnes, será possível suprir até 44,5% do mercado mundial de carne bovina (DE LIMA et al., 2012).

Dada à relevância do agronegócio nacional no que diz respeito à exportação da carne bovina brasileira, entendeu-se ser necessário investigar como se comportou o comércio internacional da carne bovina entre os anos de 2008-2017, e os dez maiores sócios da pauta de exportação nacional.

Desse modo, os objetivos deste estudo foram: analisar e descrever o comércio internacional da carne bovina brasileira entre os anos de 2008-2017; identificar as modalidades de exportações e os valores monetários envolvidos na exportação de carne bovina brasileira e; por fim, buscar descrever os maiores importadores de carne bovina brasileiro nos últimos dez anos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Comércio internacional

Historicamente, a necessidade para explicar como ocorrem as trocas internacionais de mercadorias, fez surgir uma teoria denominada Teórica Clássica do Comércio Internacional, onde os clássicos autores reconhecidos, Adam Smith e David Ricardo; foram os precursores teóricos dessa abordagem. Smith com a sua prerrogativa da divisão do trabalho, formulou a teoria denominada Vantagens Absolutas onde o pressuposto é que se caso as duas nações aceitassem comercializar entre si, as duas nações ganhariam com esta troca (CORONEL; DESSIMON, 2007 apud MIRITZ, 2016).

O custo de produção é a diferenciação que, para Adam Smith, o comércio externo se baseia onde a riqueza das nações resultaria do aumento em escala da produtividade do trabalho, sendo este, fruto da divisão do trabalho do qual se resulta da predileção do homem a permutar produtos por outros, limitando-se, pela extensão do mercado. O comércio internacional é o entremeio da nação que exporta uma mercadoria da qual produz de modo mais barato que outras nações e importa aquilo que para produzir é mais caro, sendo assim, produz mercadorias da qual possui vantagens da mesma forma que se tem maior grau de consumo para produtos que não seria possível sem o entremeio do comércio internacional (MIRITZ, 2016).

A comercialização e troca de mercadorias e produtos são elementares para suprir demandas de um determinado produto em uma determinada nação que tenha uma especificidade de produção da mercadoria desejada, inferior à outra nação ofertante, onde é dado que nesta relação ambas as nações devem se beneficiar com a comercialização (FLORINDO et al., 2014).

A projeção da produção e do comércio internacional na grandeza espacial é determinada pela Nova Geografia Econômica que organiza novas teorias do comércio de atributos adicionais para conciliar iminentemente estas de uma compreensão do comércio com perspectiva ligado ao crescimento econômico (SARQUIS, 2011).

Da globalização, provém a abertura econômica que para o Brasil, na década de 1990, fez com que as empresas do setor primário se inserissem no mercado de modo mais competitivo, que propiciou uma maior visibilidade para as exportações de *commodities* (CORONEL et al., 2007 apud MIRITZ, 2016), assim, com a abertura econômica e o avanço da globalização, o Brasil ganhou inserção maior nos comércios internacionais (MORAES, BENDER FILHO, CORONEL, 2016).

Dessa forma, os blocos comerciais protagonizaram notáveis atores da economia internacional, dado que fez a Organização Mundial do Comércio (OMC) compor o monitoramento das atividades para garantir que estes blocos resguardassem a compatibilidade com as normas multilaterais do sistema do comércio internacional. A liberalização comercial seria capaz de ser lançada pela OMC bem como ser lançada pelos mecanismos geograficamente restringidos dos blocos comerciais (ALMEIDA, 2001).

A economia internacional não é somente trocas de bens e serviços entre nações. Ela é acoplada a exportações e importações; os serviços; transferências de rendas e unilaterais; assim como, os movimentos de capitais. Sendo assim, não só o comércio se tornou internacional, como também as ações humanas que estão relacionadas à atividade econômica das quais excederam as fronteiras, globalizando-as e formando um conjunto de atividades que constituem toda a Economia Internacional. Fatos históricos foram determinantes para essa economia, já supracitado, tem-se que o mercantilismo era uma corrente de pensamento protecionista e olhava o comércio internacional de forma limitada (CARLOTO, 2014).

2.2 O comércio mundial da carne bovina

De acordo com a pesquisa com base em dados da USDA (2018), os principais importadores em 2017, dos quais são: USA (17,1%); China (12,2%) e Japão (10,3%), ambos com importações acima de dois dígitos frente aos demais países do mundo. É importante destacar que os países asiáticos estão importando carne bovina em escalas que se configuram como elevadas. Nos últimos três anos, conforme dados da pesquisa (USDA, 2018), tem-se o aumento das importações por esses países asiáticos diante o ano de 2015 é, pela ordem: Hong Kong (60%), China (47%); Coreia do Sul (28%) e Japão (16%).

Hong Kong apresenta um desempenho surpreendente, já que é a porta de entrada para a carne a ser consumida, a China com um desempenho um pouco menor porque impõe barreiras sanitárias às importações da carne bovina brasileira. A China se aproxima do Ocidente pela maior abertura econômica nos últimos anos e por fatores tais como renda da população e hábitos, a maior demandante de carne vermelha na China é sua população de classe média, consumo o qual aumentou muito acompanhando o crescimento econômico do país dos últimos anos (VALE, 2016).

O fluxo comercial global de carne bovina pode ser tratado de duas formas: o mercado do Pacífico e o mercado do Atlântico. No mercado do Pacífico tem-se a Austrália, Nova Zelândia e USA como os principais produtores e Japão, Coreia do Sul, Hong Kong e China como os principais Importadores (BUAINAIN; BATALLA, 2007). No mercado do Atlântico encontram-se os países da Europa, tal como Rússia, e os países da América, sendo os dois principais importadores.

Analisando a evolução desse comércio importador, entende-se que a demanda internacional por carne bovina se configura em dois perfis de mercados. Um dos perfis é que os importadores, em sua maioria, são países em desenvolvimento que dependem do menor preço, onde para isso o Brasil encontra-se em condições favoráveis de fornecimento da demanda. O outro perfil é composto por países já desenvolvidos que tomam suas decisões com referências por qualidade sanitária do rebanho e nos sistemas de rastreabilidade, aquilo que justifica o pagamento de valores mais altos pela importação da carne bovina, onde nesse caso, a participação brasileira no mercado internacional ainda é modesta (FLORINDO, MEDEIROS, MAUAD, 2015).

2.3 A produção mundial de carne bovina e os principais *players* de produção

Tratando-se de produção mundial entre todos os países, conforme dados da USDA (2018), a produção mundial de carne bovina atingiu seu recorde histórico no ano de 2017, atingindo 61,37 milhões de toneladas no ano de 2017, onde a produção concentrou-se nos principais *players* mundiais que são, respectivamente, em ordem decrescente: USA (19,4%); Brasil (15,5%); União Europeia (12,8%) e China (11,8%); que juntos, representaram 59,5% da produção mundial de carne bovina.

O Brasil vem apresentando taxas crescentes no mercado mundial, proporcionadas pelo aumento da produtividade em consequência de melhoramento genético nos animais e da adequação das técnicas de manejo além de gerenciamento da empresa-fazenda aplicando reforma de pastagens e melhorias em confinamento, gerando maiores taxas de lotação de animais por hectare (FLORINDO et al, 2014).

2.4 O consumo mundial de carne bovina

O aumento global do consumo de carne bovina está relacionado ao aumento na renda dos países desenvolvidos, crescimento da população nas nações e mudanças de hábitos culturais oriundos da recente globalização. As mudanças no consumo vêm ocorrendo pelas

alterações no estilo de vida das pessoas e das famílias, que são influenciadas diretamente ou indiretamente pela globalização a qual os hábitos de consumo e preferências são consequentemente modificados (DE LIMA et al, 2012).

De acordo com USDA (2018), observa-se expansão do consumo mundial, com destaque para as posições dos USA, China, União Europeia e Brasil como maiores mercados consumidores. Juntos, esses países foram responsáveis em 2017, por 60,2% do consumo mundial de carne bovina.

As mudanças no padrão de consumo mundial da carne bovina ocorridas entre os anos de 2010 e 2015 se devem aos USA e União Europeia estarem em crise econômica e à existência de problemas sanitários, tais como Encefalopatia Espongiforme Bovina (BSE) e a Febre Aftosa, que reduziram seus consumos internos nestes respectivos países. Porém, o volume relativo a essa redução foi absorvido por países asiáticos como é o caso do Japão, Coreia do Sul e China, que experimentaram mudanças nos hábitos alimentares, aumentando a demanda pela carne bovina (FLORINDO; MEDEIROS; MAUAD, 2015). A China é a única nação que aparece como uma grande consumidora mundial da carne, pois, além de seu consumo interno, absorve o volume relativo dos USA e da União Europeia.

2.5 Exportação mundial de carne bovina

Temos dois grandes mercados internacionais na rota do fluxo comercial da carne bovina, o mercado do Pacífico e do Atlântico. No mercado do Pacífico tem-se Austrália, Nova Zelândia e USA como produtores e Japão e Coreia do Norte como importador. USA apresenta características próprias, é um grande produtor de carne mundial, porém ainda importa do Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Do Brasil os EUA importam apenas carne industrializada. O mercado do Atlântico é formado por membros do bloco MERCOSUL onde os produtores comercializam a carne bovina principalmente para o Mercado Comum Europeu (DOS SANTOS, 2013).

De acordo com o USDA (2018), a Oceania possui dois representantes no mercado mundial de exportação: Austrália e Nova Zelândia. Esses países fazem parte do mercado do Pacífico, onde configuram presença entre os cinco maiores exportadores mundiais de carne bovina. O Brasil foi o maior exportador de carne bovina mundial em 2017. A Índia é outro destaque como importante exportador mundial possuindo a segunda colocação em termos mundiais em 2017.

Do mercado do Atlântico, tem-se Brasil, USA, Canadá, Uruguai, Paraguai e Argentina, que exploram o mercado mundial com a exportação da carne bovina. No total, Brasil, Índia, Austrália e USA representam, juntos, 65% do mercado mundial da exportação. Pode-se dizer que, sozinhos, são os maiores ofertantes de carne bovina mundial (USDA, 2018).

3. METODOLOGIA

A proposta do estudo percorre as técnicas de pesquisa: (a) exploratória: haja vista buscar familiaridade com o tema durante o processo de investigação; (b) documental: pois manipula os relatórios anuais da ABIEC, que é o principal insumo das análises haja vista que os dados do relatório são tratados e analisados para gerar os resultados; e, (c) descritiva: pois trata de analisar e descrever os dados tratados dos relatórios anuais da ABIEC.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa elaborada que se caracteriza como estudo exploratório que se desenvolve a partir de materiais já consolidados, onde publicações tais como artigos científicos e livros são consultados para o desenvolvimento do estudo.

A Pesquisa Descritiva é caracterizada, de acordo com Hair Jr. et al. (2005), como um tipo de pesquisa que geralmente é estruturada e, especificamente criada, para a mensuração

das características descritas em um determinado viés ou foco da pesquisa como um todo. Marconi e Lakatos (2007) relatam que a pesquisa descritiva é a “descrição de um fenômeno”.

Sobre a caracterização descritiva da pesquisa busca-se descrever alguns detalhes do fenômeno, perseguindo suas características. De acordo com Vergara (2007), a pesquisa descritiva demonstra características do fenômeno, estabelece correlações entre vetores do mesmo e define sua natureza. Entende-se que não se tem compromisso de explicar os fenômenos a qual descreve, embora sirva como pilar para tal explicação perseguida.

Sendo assim, da pesquisa exploratória, adotou as etapas para: (a) coleta de informações em publicações já consolidadas; (b) seguida de leitura exploratória e leitura seletiva; (c) análise e interpretação destas informações e, posteriormente, (d) discussão das análises obtidas. Da pesquisa descritiva, se adotou: (a) análise documental e descrição de dados e informações a partir da coleta de dados referentes ao tema. A coleta de dados para análise documental foi extraída de relatórios da ABIEC, bem como de outras fontes confiáveis e consolidadas, por exemplo, do USDA, Index Mundi e OMC, com o único intuito de construir uma base de dados fidedigna ao da fonte, na pretensão de construção de um referencial para posteriormente julgar as análises dos fenômenos ocorridos.

A formação da pesquisa documental é dada que, neste tipo de pesquisa, ainda não houve um filtro analítico, e os materiais acessados dão espaço e permitem sofrerem reelaborações de acordo com os objetivos da pesquisa (LOPES, 2006).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Cenário brasileiro de produção e exportação de carne bovina

Dados do Ministério da Agricultura em 2016 demonstram que menos de 20% da produção brasileira de carne bovina são destinadas à comercialização internacional, assim sendo, a maior parcela da produção, ao entorno de 80%, é destinada ao mercado interno, com lucratividade e consumo alto. O Brasil importa muito pouca carne, pois é autossuficiente, cooperando para o grande consumo doméstico brasileiro (CARVALHO et al, 2017).

Historicamente o Brasil tem sido um dos grandes produtores de carne bovina mundial, nos últimos cinco anos assumiu o protagonismo como um dos maiores exportadores dessa carne, onde um a cada cinco quilos de carne bovina comercializada no mundo, é de origem nacional (DE ABREU; HERRERA; TEIEXEIRA, 2006).

Em uma perspectiva histórica, contextualiza-se que em 2010 o Brasil enfrentou problemas sanitários e sofreu embargos, sendo suspensas importações do produto nacional por África do Sul, Arábia Saudita, Belarus, China, Coreia do Sul, Japão, Qatar e Taiwan. No mesmo ano sofreu suspensão parcial por Chile, Jordânia, Líbano e Peru (CARLOTO, 2014). Segundo os dados pesquisados com base na ABIEC (2018), em 2017 os países retomaram a importação do produto brasileiro o qual não apresentou nenhum problema que motivasse embargos desses.

4.2 O mercado mundial praticado pelo Brasil na exportação de carne bovina e suas modalidades

A pesquisa praticada com base nos dados da USDA (2018) apresenta as modalidades praticadas pelo Brasil na exportação de carne bovina entre os anos de 2008 até 2017. Verifica-se que a maior diversidade de mercado é praticada na modalidade *in natura* sendo a carne exportada para 170 países diferentes.

Tabela 1 – Modalidades do mercado na exportação de carne bovina brasileira, por quantidade de países (2008-2017)

Modalidade	Mercado - Qtnde. Países
<i>in natura</i>	170 Países
Industrializadas	161 Países
Miúdos	116 Países
Salgadas	31 Países
Tripas	79 Países
Frequência independente de Modalidade	194 Países

Fonte: Elaborado pelos Autores, com base em ABIEC (2018).

A totalidade do mercado praticado pelo Brasil no período estudado foi de 194 países. Uma quantidade significativa tendo em vista que a maior organização mundial, a OMC (2018), declara que 164 países são membros da organização mundial de comércio. Quanto à dimensão do comércio brasileiro, o país exporta carne bovina para 76% dos países do mundo, pois segundo a página Index Mundi (2018), são 256 países ou nações catalogadas no mundo.

Observa-se que na modalidade *in natura* são quatro os países que comercializaram importando carne brasileira no período. Egito, Hong Kong, Iran e Rússia mantiveram-se fiéis aparecendo todos os anos. Importante destacar que Egito é um país do continente africano, um importante destino da carne *in natura* nacional. Observa-se que o Brasil comercializou não somente com o Egito, mas também com outro país africano durante seis dos dez anos observados na pesquisa, cujo destino foi a Argélia.

No mercado de carne industrializada, ocorre uma grande diversificação de exportação para países dos quatro cantos do mundo. O Japão, Hong Kong e Jordânia são os países asiáticos que comercializam esta modalidade do produto. Já nas Américas aparecem USA, Jamaica, Porto Rico, Canadá e Chile. Na Europa aparece além dos mencionados, a Bélgica como sendo um país que importou por nove anos o produto brasileiro, além de Alemanha, França e Suécia. Dos países africanos, Egito, Gâmbia e Angola são os que importam a carne bovina industrializada nacional.

Do mercado de Miúdos, Costa do Marfim, Egito, Hong Kong e Peru são os países com mais frequência na importação do produto brasileiro. Aparece nesta modalidade uma grande frequência de países africanos onde, Costa do Marfim, Egito, Angola, Congo, República Democrática do Congo (RDC) e Gabão são importadores do produto brasileiro. Peru e USA são os países do continente americano que comercializam com o Brasil esta modalidade. Países árabes como Arábia Saudita e EAU (Emirados Árabes Unidos) são os únicos que importam essa carne. Da Ásia, Hong Kong, Tailândia, Cazaquistão e Vietnam são os importadores dos Miúdos nacionais. Do continente europeu encontram-se Ucrânia, Moldávia, Rússia e Azerbaijão. Do oriente médio somente Israel compra a carne de Miúdos nacional.

Do mercado de Salgadas cabe destacar a participação de Angola na importação do produto. Este país aparece com frequência em todos os anos importando carne da modalidade Salgadas do Brasil. É o maior parceiro brasileiro nesta modalidade, sendo o único a importar nos dez anos do período estudado.

Da modalidade Tripas, aparece Itália, Rússia, Espanha, Ucrânia e USA como os países que surgiram importando carne desta modalidade em todos os anos observados do estudo. Ressalva para Hong Kong que apareceu com frequência de nove vezes ao longo do período estudado (2008-2017).

4.3 As modalidades de exportação da carne bovina brasileira e os valores monetários envolvidos

A pesquisa com base nos dados da ABIEC (2018) demonstra que a modalidade *in natura* é a que apresenta maior exportação em valores brutos de toneladas do qual atinge seu maior pico de exportação em 2014 com 1.228.114 milhões de toneladas, valor semelhante apresentado no ano de 2017 quando atingiu 1.210.081 milhões de toneladas. A menor significância de toneladas é para a modalidade Salgada, que não atinge marcas maiores que 6.041 mil toneladas. Elaborar uma tabela com os valores.

Na modalidade Industrializada o ano que esta teve maior participação diante do total exportado foi em 2008, onde atingiu 14,64% da exportação frente o total das modalidades.

A modalidade Miúdos atingiu 10% de representatividade do mercado exportador da carne bovina brasileira em 2016. Neste ano atingiu sua maior parcela diante das outras modalidades praticadas no mercado.

Mostrar os valores de todas as modalidades. Discutir os valores no texto.

Um fato interessante é que a modalidade Tripas manteve sua parcela de representatividade do mercado exportador de carne bovina até o ano de 2011, ano em que atingiu sua maior parcela do mercado com 9,05%. Após 2011, a modalidade perde espaço principalmente para Miúdos que cresce até o fim da série estudada além de atingir seu menor índice representativo em 2017 com somente 1,37% de fatia do mercado exportador da carne brasileira. Elaborar uma tabela com os valores.

A modalidade de carne Salgada não se altera quanto à sua representação do mercado de carne bovina brasileira, sendo a que mais se tem regularidade, pois não ganha e nem perde mercado frente às outras modalidades.

A modalidade mais representativa dentre as outras, expressas em dólar, é a *in natura*. Percebe-se que em 2009 houve uma maior significância para a modalidade Industrializada, tendo em vista que o mercado naquele ano apresentado foi maior na pauta de exportação diante dos outros anos na mesma modalidade expressas na série histórica apresentada.

4.3.1 Carne bovina na modalidade *in natura*

A pesquisa com base de dados da ABIEC (2018) demonstra que a Rússia é o país que mais importa carne *in natura* do Brasil, representando em sua forma agregada dos últimos dez anos 30% do total de toneladas frente aos dez maiores países. A Rússia também é o país que mais injetou recursos em dólares na economia brasileira, sendo uma representatividade de 26% em relação aos dez maiores países que importam a carne desta modalidade do Brasil.

Hong Kong detém 15% tanto em quantidade de toneladas que importou do Brasil quanto em valores monetários envolvidos na transação, outro asiático, China, somente 5%. Fato interessante de observar é que por mais que Hong Kong seja o segundo maior importador em toneladas e aquele que represente a segunda maior quantidade de valor monetário envolvida na comercialização. Fato interessante é que Itália (8º) e Holanda (9º) importam a carne *in natura* com um valor muito acima da média do que os outros 8 países dentre os 10 maiores importadores.

Vale a pena destacar que o mercado *in natura* é a modalidade brasileira com maior diversificação na distribuição quando se refere à concentração de algum país importador, ou seja, há uma distribuição maior na exportação dessa modalidade e não há concentração acumulado em uma nação ou poucas nações em específico. Fato diferentemente ocorre nessa modalidade quando comparada as outras que serão expostas no decorrer desta sessão.

4.3.2 Carne bovina na modalidade Industrializada

Da modalidade industrializada, a pesquisa com base de dados na ABIEC (2018) demonstra quais são os países que mais importam o produto brasileiro no acumulado do período observado, ou seja, a pesquisa revela aquilo que representa o acúmulo de importação entre os anos de 2008 até 2017.

Em se tratando de toneladas comercializadas, o Reino Unido é o que mais importa do Brasil, com 341.179 mil toneladas, representando 37% da importação desta modalidade brasileira diante dos outros. No que se refere a valores, o Reino Unido paga em média (US\$/Ton.) US\$ 45.485 mil dólares por tonelada ABIEC (2018).

O segundo maior importador é o USA com 29% das importações representando US\$ 268.316 mil toneladas frente aos outros importadores. Da mesma forma que ocorreu da modalidade *in natura*, aqui o USA paga, em média, mais que o Reino Unido por tonelada, sendo 87.968 mil dólares, representando 15% do valor pago frente aos outros ABIEC (2018).

4.3.3 Carne bovina na modalidade Miúdos

A modalidade Miúdos tem uma particularidade diante das outras modalidades analisadas até o momento já que é um mercado onde o destino da exportação brasileira é, predominantemente, em volume, para Hong Kong, o maior importador dessa modalidade brasileira. Esse país transcreve valores absolutos naquilo que tange à importação, onde representa 83% em valor monetária e também expressa 72% da quantidade exportada dos maiores compradores da carne da modalidade Miúdos brasileira ABIEC (2018).

Costa do Marfim é o segundo maior país que importa Miúdos, com 6% de representatividade no mercado importador. Pagou somente 8.598 mil dólares por tonelada ficando à frente somente da RDC que pagou 3.206 mil dólares por tonelada. A República Democrática do Congo é a oitava nação a importar em quantidade por toneladas, porém é o país como pior valor pago por tonelada. ABIEC (2018).

A carne bovina na modalidade Miúdos configurou-se como pouco diversificada em questão de distribuição por toneladas, ou seja, há somente um país que é o grande importador da mesma e que não há diversidade do mercado, sendo assim, basicamente concentrando seu destino para apenas um país, Hong Kong ABIEC (2018).

4.3.4 Carne bovina na modalidade Salgada

A modalidade Salgada é onde menos se encontra diversificação da concentração de toneladas exportadas. Isso quer dizer que três países tomam conta da pauta de exportação desta carne brasileira, sendo que há uma concentração muito expressiva nestes países ao longo dos dez anos de comercialização com o Brasil. Angola (1º), Israel (2º) e USA (3º), representam juntos 99% do valor total em toneladas e também 99% do valor monetário envolvido entre os maiores importadores ABIEC (2018).

Um fato muito interessante dessa modalidade é que assim como na modalidade *in natura*, um país muito distante das primeiras colocações no ranking pagou muito mais caro e envolveu mais valor monetário do que os primeiros colocados, mesmo que se importe muito pouco diante os dez maiores importadores. Exemplo disso têm a Holanda e os Emirados Árabes Unidos (EAU), que pagaram por tonelada importada acima do que Angola (1º) pagou.

4.3.5 Carne bovina na modalidade Tripas

A pesquisa com base de dados na ABIEC (2018), demonstra que a modalidade apresenta Hong Kong como o maior detentor da importação de carne brasileira. Já USA é o

país que mais paga por tonelada importada, configurando também um cenário em que aquele que mais importa não é o que melhor paga proporcionalmente.

Dentre os dez maiores importadores da carne na modalidade Tripas brasileira, Hong Kong representa 58% da quantidade monetária envolvida nas transações, US\$ 1.190.590 bilhões de dólares, bem como 64% do volume total dessas dez nações configurando um montante de 355.852 mil toneladas de importação. É, sem dúvida, o maior parceiro comercial brasileiro na modalidade ABIEC (2018).

Rússia aparece como o segundo maior parceiro comercial. Importa 55.740 mil toneladas, 10% da quantidade frente os demais importadores. Também representa 14% do valor monetário, tomando um valor de 284.095 mil dólares. É um país que pagou muito caro pela tonelada importada, chegando a representar 11% da média paga por tonelada, ou seja, pagaram US\$ 48.696 mil dólares por tonelada, sendo a segunda nação a melhor remunerar a tonelada da modalidade tripas ABIEC (2018).

4.4 Os dez maiores importadores de carne bovina brasileira

O mercado mundial praticado pelo Brasil na exportação de carne bovina aumentou de 106 países para 142 entre os anos 2000 e 2013, perfazendo um aumento de 34% na participação do mercado. Em 2000 não havia exportação brasileira, por exemplo, para alguns países como a Rússia onde em 2013 passou a ser o maior importador mundial de carne bovina e a ser o segundo destino principal da carne brasileira (INSFRAN, et al., 2014).

A ampliação na diversificação de compradores fez com que aumentasse o volume e as receitas da exportação. O aumento desta também foi ocasionado pelo trabalho dos frigoríficos nacionais padronizando o produto, cumprindo os prazos externos bem como buscando atender às exigências para evitar problemas sanitários, as quais ainda necessitam melhorias, haja vista que estas impedem a exportação de carne *in natura* para os maiores importadores, justamente aqueles que remuneram melhor a carne bovina (URSO, 2007).

A respeito do mercado praticado pelo Brasil nesta modalidade, tem-se que as maiores diversificações ocorreram em dois anos: 2008 e 2017. Nestes anos, o Brasil comercializou com 101 países diferentes na pauta de exportação da modalidade *in natura*. O ano com menor ocorreu diversificação nessa pauta foi 2015, com 87 países, seguido do ano de 2011 com 88 países ABIEC (2018).

Em se tratando do mercado internacional de carnes que o Brasil comercializa, percebe-se uma queda na quantidade de países com o qual o Brasil comercializava. Uma vez que em 2008 eram 116 países, houve uma queda contínua até o ano de 2015 atingindo 92 mercados externos. A partir de então, passou a retomar e ganhar novamente espaço no cenário internacional, atingindo 99 e 109 países de destino da exportação nos anos de 2016 e 2017 respectivamente ABIEC (2018).

Percebe-se uma grande variedade no mercado internacional onde, mesmo com tantos países comercializando com o Brasil e importando as modalidades da carne bovina, o grupo de importadores são os maiores e mais importantes parceiros comerciais brasileiros, além de deterem as parcelas mais representativas dos mercados. Existem pelo menos cinco países que mantêm a comercialização fiel com o Brasil, gerando assim uma parceria consolidada e contribuindo significativamente para o país atingir marcas expressivas como maior exportador mundial de carne bovina no ano de 2017 ABIEC (2018).

Da carne Bovina na Modalidade Miúdos, a pesquisa apresenta um retrato do cenário em relação às toneladas importadas pelos principais países que consomem o produto brasileiro, bem como, demonstra a representatividade do valor monetário envolvido na transação e o mercado praticado pelo Brasil na exportação total da mesma. A menor representatividade em valores monetários ficou no ano de 2012, com 93% (68 países) do

mercado. Isso significa que os outros 7% ficaram distribuídos entre os 42 países que completam a diversidade do mercado praticado pelo BrasilABIEC (2018).

Ainda em relação à modalidade Miúdos, há uma boa diversificação no mercado mundial, não ocorrendo como nas outras modalidades apresentadas aqui anteriormente, mas ainda é uma expressiva diversificação. O ano de 2017 representa 58% desse total, sendo o ano com maior diversidade de países. É importante manter a ascensão da diversidade para gerar concorrência e também firmar parcerias fiéis para que a comercialização desta modalidade se mantenha em crescimento conforme este último ano analisado ABIEC (2018).

A Modalidade Salgada é muito peculiar para a Carne Bovina brasileira onde o maior número de mercados foi no ano de 2008 com 13 países envolvidos na comercialização. Esse número chega a atingir marcas menores em 2015, com quatro países e maior frequência com seis países comercializando com o Brasil. Em 2008 atingiu a maior quantidade monetária nas transações devido à gama de possibilidades do mercado, sendo que nesta ocasião o volume exportado fez com que atingisse maior valor monetário.

Do mercado de carne bovina na modalidade Tripas a pesquisa com base de dados em ABIEC (2018) expressa a representatividade dos maiores importadores desta categoria. Observa-se que há uma grande queda na representatividade destes a partir do ano de 2015. Fato que esse se deve ao mercado manter uma regularidade na prática do comércio internacional além de outros países que completam esse cenário ganharem espaço importando mais toneladas do que em anos anteriores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou como ocorre a comercialização da carne bovina brasileira no mercado mundial. O Brasil é um importante *player* mundial na produção e exportação da carne bovina que, em 2017, atingiu a primeira colocação no mercado tanto em produção como em exportação.

As vantagens brasileiras nesse setor do agronegócio são indiscutíveis, haja vista, estar o país, pelo menos nos últimos dez anos, entre os maiores produtores e exportadores da carne bovina em âmbito mundial. É um país com capacidade de produção maior do que a que está podendo ofertar ao mercado, isso devido à adequação em tecnologias e técnicas da produção. A adoção de tecnologias inovadoras e sistemas produtivos diversificados e adaptados a cada realidade produtiva, mantém o país como um *player* mundial de grande capacidade para atender os mercados emergentes assim como possibilidade de atender os mercados de países e blocos comerciais desenvolvidos.

A evolução brasileira no setor é constante, porém, sua maior ascensão vem ocorrendo, principalmente, nos últimos cinco anos, onde então, é classificada como “desenfreada” a produção e conseqüentemente a exportação do produto para o mundo.

Quanto à exportação em valores monetários, o Brasil precisa ainda evoluir para poder ofertar carne bovina com qualidade diferenciada. A tradicional vocação brasileira é exportar em grande quantidade, já que ainda recebe menos dólares americanos por toneladas envolvidas na transação.

O Brasil pode explorar outras modalidades de carne exportada as quais são mais bem pagas pelos mercados de países desenvolvidos. Um grande exemplo é o mercado da modalidade *in natura*, em que Holanda e Itália do bloco econômico europeu renumeram muito bem essa modalidade de carne, porém não demandam tanto produto do Brasil devido ao fato do país ainda não atender as exigências internacionais demandadas por esses países.

Os USA e o Japão não importam carne *in natura* do Brasil em função das barreiras técnicas, entre elas a sanitária, importando somente carne industrializada. Neste sentido

percebe-se que existe uma grande parcela de mercado a ser explorada e o país tem potencial para suprir a demanda internacional por este produto.

Em volume de exportação, a modalidade *in natura* é a primeira colocada, e do outro lado, o menor volume é da modalidade salgadas, com apenas 31 países sendo parceiros comerciais do Brasil. Pode-se entender que é uma demanda mundial relativamente pequena e que há espaço para melhor explorar essa modalidade haja vista a capacidade brasileira de produção e abrir novos acordos comerciais conforme se nota com o passar dos anos.

O Brasil comercializou carne bovina com 194 países do mundo em 2017. O Reino Unido é encontrado com frequência comercializando com o Brasil, sendo o maior mercado para exportação brasileira na modalidade Industrializada.

Apesar de países africanos não serem grandes demandantes em cenário mundial, são grandes parceiros comerciais do Brasil, ocorrendo comercialização com o Egito, Costa do Marfim, República Democrática do Congo e Angola.

Os mercados para países emergentes são muito promissores para o setor brasileiro, com destaque para a China, onde em 2014 retirou o embargo à carne brasileira e apresenta crescente demanda do produto nacional.

Dentre os maiores comerciantes no comércio internacional, tem-se que China, Hong Kong e Rússia são destaques por apresentarem grande volume de demanda do produto nacional como aparecerem com frequência em quase todas as modalidades ofertadas pelo Brasil para o comércio internacional. Contudo, os grandes crescimentos em exportação não são necessariamente significativos de grandes ganhos na competitividade do mercado mundial.

REFERÊNCIAS

- ABIEC. Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes. **Estatísticas de Exportação por Ano**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.abiec.com.br/ExportacoesPorAno.aspx>>. Acesso em: 02 jul 2018.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. A economia internacional no século XX: um ensaio de síntese. **Rev. Bras. Polít. Int.** n. 44 vol. 1, p. 112-136, 2001.
- BUAINAIN, A. M.; BATALHA, M. O. **Cadeia Produtiva da Carne Bovina**. Brasília: Vol. 8, 2007. 88 p.
- CARLOTO, G. S. **Carne bovina: evolução da produção, das exportações e fatores que levaram o Brasil a ser o maior exportador mundial**. 2014. 66 f. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas)–Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul–UNIJUI, Ijuí, 2014.
- CARLOTO, G. S. **Carne bovina: evolução da produção, das exportações e fatores que levaram o Brasil a ser o maior exportador mundial**. 2014. 66 f. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas)–Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul–UNIJUI, Ijuí, 2014.
- CARVALHO, L. S. et al. Progresso das exportações brasileiras de carne bovina: uma análise do período de 2001 a 2015. In: Anais do Congresso de Administração, Sociedade e Inovação - CASI 2016. **Anais...Juiz de Fora (MG) UFJF**, 2017. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/casi/37198-PROGRESSO-DAS-EXPORTACOES-BRASILEIRAS-DE-CARNE-BOVINA--UMA-ANALISE-DO-PERODO-DE-2001-A-2015>>. Acesso em: 30/06/2018 20:38
- DE ABREU, A.; HERRERA, V. E.; TEIXEIRA, M. A. **Mercado mundial de carne bovina: participação brasileira e barreiras à exportação**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 44. 2006,

- Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2006. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/anais_sober_final_4_16.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- DE LIMA et al. Caracterização das exportações e da competitividade internacional do complexo de carnes brasileiro. In: VI Encontro de Economia Catarinense. 2012, Joinville. **Anais...** Joinville: UNIVILLE, 2012. Disponível em: <<http://apec.pro.br/anais-dos-eventos/vi-encontro-de-economia-catarinense/>>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- DOS SANTOS, C. A. **O Brasil e o mercado internacional de carne bovina no contexto de doenças infecciosas emergentes: uma análise sociopolítica dos programas de sanidade animal e de normativas de segurança.** 2013. 230 f. Tese (Doutor em Sociologia Política)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- FLORINDO, J. F. et al. Competitividade dos principais países exportadores de carne bovina no período de 2002 a 2013. **Revista de Economia e Agronegócio.** Viçosa, v. 12, n. 1,2,3, 2014. Disponível em: <<https://www.revistarea.ufv.br/index.php/rea/article/view/240/251>>. Acesso em 30 jun. 2018.
- FLORINDO, J. F.; MEDEIROS, G. I. B.; MAUAD, J. R.C. Análise das barreiras não tarifárias à exportação de carne bovina. **Revista de Política Agrícola.** Brasília, Ano XXIV, n. 2, abr./maio/jun. 2015. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/130700/1/Analise-das-barreiras.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2018.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HAIR JR, J. F. et al. Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HAIR JR, J. F. et al. Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- INDEX MUNDI. Countries, 2018. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/factbook/countries>>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- INSFRAN, A. N. S., DA SILVEIRA, G. S., DA SILVEIRA, C. V. Análise do efeito da taxa de câmbio sobre a exportação de carne bovina. In: VIII Encontro Científico de Administração, Economia e Contabilidade. 2014, Mato Grosso do Sul. **Anais...** Mato Grosso do Sul: UEMS, 2014. Disponível em: <<http://anaisonline.uems.br/index.php/ecaeco/article/view/2779>>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- KINJO, R. C. H. et al. Carne bovina de exportação e a sua importância na balança comercial brasileira. In: Anais do Simpósio de Engenharia de Produção - SIMEP. **Anais...**Joinville (SC) UDESC/UNIVILLE, 2017. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/5simep/42690-CARNE-BOVINA-DE-EXPORTACAO-E-A-SUA-IMPORTANCIA-NA-BALANCA-COMERCIAL-BRASILEIRA>>. Acesso em 30 jun. 2018.
- LOPES, J. **Fazer Do Trabalho Científico Em Ciências Sociais Aplicadas.** Recife: Editora Universitária UFPE, 2006.
- MACHADO, et al. Análise do desempenho das exportações brasileiras de carne bovina: uma aplicação do método Constant-Market-Share, 1995-2003. **Revista de Economia e Agronegócio.** Viçosa, v. 4, n. 2, p. 195-218, 2006. Disponível em: <<https://revistarea.ufv.br/index.php/rea/article/view/80>>. Acesso em 02 jul. 2018.
- MARCONI, M, A. LAKATOS, E, M.; **Metodologia do Trabalho Científico.** 7º ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MIRITZ, L. D. **A Competitividade da Cadeia de Valor Global da Carne de Frango: O Caso da Mais Frango Miraguaí Ltda.**2016. 130 f. Tese (Doutorado em Administração)– Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- MORAES, B. M. M.; FILHO, R. B.; CORONEL, D. A. A influência da taxa de câmbio nas exportações brasileiras de carne bovina *in natura*. Revista Perspectiva Contemporânea.

-
- Campo Mourão, v. 11, n. 3, p. 01-18, set./dez., 2016. Disponível em: <<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/2035>>. Acesso em 02 jul. 2018.
- OMC. *MembersandObservers*, 2018. Disponível em: <https://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/org6_e.htm>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- RAINELLI, Michel. **Nova teoria do comércio internacional**. Tradução: Ribeiro, Viviane. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.
- SARQUIS, Sarquis José Buiainain. **Comércio internacional e crescimento econômico no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- URSO, F. S. P. **A cadeia da carne bovina no brasil**: uma análise de poder de mercado e teoria da informação. 2007. 123 f. Tese (Doutor em Economia de Empresas)–Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2007.
- USDA – United States Department of Agriculture. **Foreign Agricultural Service**. Market and Trade Data, PSD Online, 2018. Disponível em: <<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>>. Acesso em: 02 jul 2018.
- VALE, A. R. V. **Barreiras às exportações de carne bovina brasileira com a união europeia, Rússia e Irã**. 2016. 92 f. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- VERGARA, S. C. *Gestão de Pessoas*. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2007.